

Indisciplina do Estudante da Educação Superior

Rafaela Juchem Schenkel¹, Carmen Célia Barradas Correia Bastos²

¹UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná
CECA – Centro de Educação, Comunicação e Artes
Rua Universitária, 2069. Jardim Universitário.
Caixa Postal 711 - CEP 85819-110 Cascavel, PR

shenzinha@hotmail.com

²UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná
CECA – Centro de Educação, Comunicação e Artes
Rua Universitária, 2069. Jardim Universitário.
Caixa Postal 711 - CEP 85819-110 Cascavel, PR

carmencbcb@yahoo.com.br

Resumo. *Nas últimas décadas a indisciplina escolar tem se tornado um dos grandes problemas enfrentados pelos professores em todos os níveis e modalidades de ensino. Este assunto, discutido reiteradamente na educação básica – ensino fundamental e médio – não está circunscrito a ela e, têm ultrapassado esta etapa, atingindo cada vez mais à educação superior, interferindo significativamente no processo ensino aprendizagem. O estudo que embasa este artigo busca contribuir com as recentes pesquisas acerca da indisciplina do estudante da educação superior, tendo como principal objetivo compreender como os acadêmicos percebem a indisciplina no contexto pedagógico das aulas, neste nível de ensino. O texto aborda a contextualização histórica da gênese da universidade e a influência dos modelos jesuítico, francês e alemão na constituição histórica da universidade no Brasil, além de tratar das especificidades do estudante da educação superior. Na parte final, apresenta alguns dados parciais da pesquisa que se encontra em processo de tabulação dos dados.*

1 Considerações Iniciais

Dois importantes conceitos serão discutidos inicialmente neste texto: Indisciplina e Universidade/Educação Superior.

As concepções acerca do que seja indisciplina estão longe de serem consensuais, uma vez que, na perspectiva de Rego (1996) “o próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade” (REGO, 1996, p. 84).

De acordo com o Minidicionário da Língua Portuguesa o termo disciplina pode ser entendido como “ordem; respeito; obediência às leis; matéria de estudo; instrumento de penitência”. Dessa forma, o disciplinado é aquele “corrigido; obedecido; organizado; administrado”. E disciplinar “diz respeito à disciplina; sujeitar a disciplina; corrigir; fazer obedecer; organizar” (BUENO, 1996, p. 215).

Já o termo indisciplina refere-se a “desobediência; rebelião; insubordinação”. Portanto, indisciplinado é aquele sujeito “rebelde; insubordinado; revoltado; desobediente”. E indisciplinar é entendido como o ato de “revoltar; sublevar¹; rebelar; insubordinar; desobedecer” (idem, 1996, p. 362).

La Taille (1996) acredita que há uma ambigüidade quanto ao tema disciplina/indisciplina. Para ele,

Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações (LA TAILLE, 1996, p. 10).

Este assunto, discutido reiteradamente na Educação Básica – Ensino Fundamental e Médio –, não está circunscrito a ela e, têm ultrapassado esta etapa, chegando cada vez mais à Educação Superior.

Dessa forma, torna-se imprescindível a compreensão do que seja Universidade/Educação Superior. De acordo com Wanderley (1999) existem diferentes concepções acerca deste assunto, como: o local historicamente organizado para a criação e transmissão do saber; um dos aparelhos ideológicos utilizado pelo sistema capitalista de produção com vistas a sua manutenção, ou ainda, como a mola propulsora para a transformação da sociedade vigente.

No entanto, concebe a universidade como o local privilegiado, mas não único, onde o indivíduo tem a possibilidade de “conhecer a cultura universal e as várias ciências, (...) criar e divulgar o saber” (WANDERLEY, 1999, p. 11). Para ele é indispensável que a universidade busque uma identidade própria e atenda à realidade nacional. Acredita que suas finalidades básicas sejam o ensino, a pesquisa e a extensão, considerados ainda hoje o tripé indispensável à universidade. Além disso, coloca que a universidade “é a instituição social que forma, de maneira sistemática e organizada, os profissionais, técnicos e intelectuais de nível superior que as sociedades necessitam” (idem, 1999, p. 11).

A pesquisa que embasa este texto busca contribuir com o recente estudo da indisciplina na educação superior, por meio da investigação dos estudantes de uma Instituição de

¹ “Amotinar, revoltar, levantar” (BUENO, 1996, p. 619).

Educação Superior Pública. Conforme Santos Filho, “os interesses por estudos e pesquisas relacionados ao ensino superior não têm coberto todo o espectro de problemas e temas da área, o que significa que nem todos os aspectos foram objeto de estudos e pesquisas” (SANTOS FILHO *apud* PACHANE, 1998, p. 1). É sobre isso que vamos discorrer ao longo deste texto, abarcando aspectos relevantes quanto à gênese da universidade e as especificidades do estudante da educação superior.

2 Contextualização Histórica da Gênese da Universidade

Segundo Mainka (2009) atualmente é possível encontrarmos universidades enquanto instituições de ensino superior em todos os continentes. No entanto, “a universidade é uma instituição genuinamente européia, nascida na Europa da Alta Idade Média” (MAINKA, 2009, p. 29) no século XII.

As primeiras universidades foram chamadas de *studia generalia* (estudos gerais) e, apenas no século XVI, passaram a ser conhecidas como *academias*. Tais universidades nasceram da associação corporativa de professores ou estudantes, com vistas a defender “os interesses coletivos de estudar” (BAUMGART *apud* MAINKA, 2009, p.20). Porém, para que pudessem funcionar era necessário que possuíssem uma autorização conhecida como bula papal concedida por uma das autoridades universais existentes neste período, o papa ou o imperador.

A segunda geração das universidades caracteriza a estreita relação existente entre poder e conhecimento. De acordo com Mainka (2009) as chamadas *universitates ex privilegio* foram criadas não mais por associações de professores ou estudantes, mas pela iniciativa de diferentes autoridades seculares, como reis, príncipes e magistrados. As universidades de Salamanca (1218) e de Nápoles (1224) são exemplos dessa nova forma de implantação.

Uma nova fase na história das universidades é marcada pelos séculos XIV e XV (Charle, 1996). Surgem novas instituições, além de sua expansão por todos os países. Este processo é resultante de um acordo de fundação entre as autoridades políticas, o príncipe ou a cidade e, confirmado pelo papado. Uma das características mais importantes desse período foi o fato de que, embora as universidades continuassem sendo instituições oficialmente eclesiásticas, passaram cada vez mais a serem controladas pelas cidades e pelos estados com vistas à satisfação de suas necessidades, como a formação de letrados e juristas competentes.

Conforme Pimenta (2005) a constituição histórica da universidade no Brasil foi influenciada por modelos europeus, como o jesuítico, o francês e o alemão, predominantes em diferentes momentos históricos e percebidos ainda hoje. “O modelo jesuítico encontra-se, pois, na gênese das práticas e modos de ensinar presentes nas universidades” (BOURDIEU *apud* PIMENTA, 2005, p. 147).

A preocupação central da universidade pautada no modelo francês era a formação da elite, uma vez que, anteriormente, os jovens pertencentes a esta classe social eram enviados à Europa para estudar. Nesta perspectiva, Wanderley afirma que as

universidades criadas seguindo este modelo “funcionaram como locais apropriados para a educação das elites (...) e seu conseqüente acesso aos postos políticos e burocráticos” (WANDERLEY, 1999, p. 20).

Já o centro do modelo alemão encontra-se na pesquisa e na produção do conhecimento. De acordo com Wanderley (1999) este modelo conseguiu conciliar o ensino profissional com a atividade científica, vinculando a pesquisa científica e a educação superior.

Percorrido este trajeto, torna-se imprescindível conhecermos as características e especificidades do sujeito que chega à universidade atualmente.

3 Caracterizando o estudante da educação superior

Ao tratarmos do estudante da educação superior devemos levar em conta algumas especificidades. Segundo Zabalza a “característica fundamental dos estudantes universitários é que são sujeitos adultos, ao menos legalmente, em total posse de sua capacidade de decisão” (ZABALZA, 2004, p. 187). No entanto, pode-se observar que estes alunos têm ingressado cada vez mais cedo à universidade e, muitas vezes apresentam certa dificuldade em lidar com esta situação, totalmente nova em suas vidas.

Neste sentido, Hoirisch afirma que,

No ensino superior, verificam-se decorrências sérias acerca do NOVO para o aluno calouro. Para este estudante, que está iniciando o curso universitário, questões como a aquisição do domínio da linguagem acadêmica, a incorporação de atitudes e valores próprios à carreira escolhida, o conhecimento do novo espaço físico, com a perda da referência da sala de aula exclusiva da turma como ponto de apoio, o desligamento abrupto do grupo de amigos de vários anos. Ele tem também de enfrentar o fato, o que pode ser cruel, da percepção, nem sempre consciente, de que, ao entrar para o ensino superior, deixa de ser visto como membro de um grupo social ou até familiar, porque ele já não é igual aos membros pares. O vestibular o exclui dos grupos de origem. Entretanto, ele ainda não concretizou novos vínculos (...) (HOIRISCH et AL. *apud* PACHANE, 2003, p. 161-162).

Apesar de o ingresso a universidade ser, para a maioria dos jovens, à realização de um sonho, este faz com que o estudante se depare com um universo repleto de novidades e desafios totalmente diferentes das experiências vivenciadas até então, exigindo maturidade e responsabilidade. Em alguns casos, este estudante precisa sair da casa de seus pais e morar sozinho, separando-se dos grupos de referência tidos até aquele momento, como a família e os amigos. Além disso, o estudante deve “responder de uma forma eficaz às tarefas acadêmicas colocadas por um nível de ensino mais exigente” (BROOKSLL & DUBOIS *apud* ALMEIDA & SOARES, 2003, p. 18-19). Segundo os

autores supracitados, estes são os grandes desafios enfrentados após o ingresso a universidade e nem sempre o estudante está preparado para enfrentá-los.

Neste nível de ensino o estudante atravessa, segundo Pachane (2003), algumas rupturas. Passa a ser o único responsável por si, uma vez que, não existe mais a preocupação exacerbada do professor e/ou coordenação com sua aprendizagem, como ocorriam nos níveis anteriores. O estudante deve arcar com seus atos e com as consequências deles. No desenrolar das aulas, a partir do estudo das grandes teorias produzidas e acumuladas pela humanidade ao longo dos séculos, suas verdades e valores, acabam caindo por terra, muitas vezes abalando este sujeito.

Ao finalizar sua pesquisa sobre a experiência universitária, Pachane (2003) identifica as diferentes rupturas decorrentes do ingresso e permanência do estudante na universidade. São elas,

Ruptura das expectativas iniciais relativas à universidade e vida universitária; ruptura com a imagem/mito da universidade; ruptura com o passado do aluno, seus vínculos, conceitos, valores e laços afetivos anteriores ao ingresso a universidade; ruptura com o modelo de ensino/aprendizagem ao qual o aluno estava habituado e consequente mudança na própria compreensão de conhecimento; ruptura consigo mesmo (autoconhecimento, novos valores, processo de amadurecimento); ruptura em relação à visão de mundo (mais ampliada, mais diversificada) e modos de relacionamento (de modo geral, mais abertos) (PACHANE, 2003, p. 181).

É este estudante, repleto de especificidades, que se constitui como um dos principais contribuintes para a pesquisa que embasa este artigo.

4 Alguns dados da pesquisa

A pesquisa, após receber Parecer Favorável do Comitê de Ética da Unioeste, está sendo realizada com os acadêmicos dos segundos e terceiros anos dos cursos de Pedagogia, Diurno e Noturno, e Letras, que compõe os cursos de graduação do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Cascavel/PR. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se questionários compostos de questões abertas e fechadas.

A decisão por trabalhar com as referidas turmas de segundos e terceiros anos justifica-se em razão de compreendermos que nestas turmas estariam inseridos os alunos cuja vivência acadêmica poderia contribuir com a pesquisa, diferenciando-se, por exemplo, dos alunos de primeiro ano que estão chegando à universidade e dos alunos do quarto ano que estão saindo e têm uma maior sobrecarga de trabalho.

O número de alunos regularmente matriculados nos referidos cursos é de aproximadamente 260 alunos, distribuídos em seis turmas, de acordo com dados da Secretaria Acadêmica do Campus de Cascavel/PR. Para a amostra do estudo estamos trabalhando com 18% desse universo, totalizando aproximadamente 48 alunos.

Os sujeitos foram escolhidos mediante sorteio a partir das listas dos alunos regularmente matriculados nas referidas turmas fornecidas pela Secretaria Acadêmica. Os questionários foram entregues durante o intervalo das aulas juntamente com os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), marcando-se um horário para seu recebimento.

A referida pesquisa encontra-se em processo de tabulação de dados. No entanto, já temos condições de expor parcialmente alguns dados. A maioria dos participantes é do sexo feminino (83,3%), com idade mínima de 18 anos e máxima de 52 anos, com predomínio de 18 a 23 anos de idade.

Todos os respondentes afirmaram que atualmente este fenômeno não tem se restringido ao Ensino Fundamental e Médio, abarcando cada vez mais a Educação Superior, uma vez que, a educação ou a falta dela é um valor que independe da idade ou formação acadêmica. Em sua dissertação de mestrado, Torres (2008) argumenta que “parte das expressões de indisciplina na Educação Superior seja uma continuidade das expressões de indisciplina dos alunos da Educação Básica, e parte seja decorrente do contexto específico da Educação Superior” (TORRES, 2008, p. 32).

Dentre as manifestações presentes tanto na Educação Superior como na Educação Básica o referido autor aponta “conversa paralela, piadas em momentos impróprios, atendimento de celular no meio da aula, excesso de faltas sem motivos justificáveis, entre outras” (idem, 2008, p. 32). Já a “falta de interesse, de motivação ou de comprometimento com a própria aprendizagem; passividade; individualismo e falta de hábito de estudo, pertencem a um contexto específico e são exigências enfatizadas na Educação Superior” (idem, 2008, p. 32).

Porém, neste nível de ensino, a indisciplina se manifesta de forma diferenciada, visto que, ao menos legalmente, trata-se de indivíduos adultos. Nesta perspectiva, Damke, Gonçalves e Silva afirmam que,

A indisciplina na Educação Superior às vezes é mascarada, ou ainda velada, o que dificulta a sua percepção e conseqüentemente diminui a probabilidade de amenizar tais expressões. No decorrer das aulas, os professores percebem expressões de indisciplina, caracterizadas segundo Torres (2006) pelo esvaziamento em sala de aula, pela inquietação dos alunos, pelo silêncio em que não há diálogo com o professor, ou ainda pela indiferença em produzir o mínimo para a aprovação no ano letivo. Tais situações interferem na dinâmica das relações sociais. (DAMKE; GONÇALVES; SILVA, 2008, p. 4).

Embasados nos estudiosos que discutem a temática da Indisciplina na Educação Superior, solicitamos que, das seis atitudes citadas por eles como manifestações de indisciplina neste nível de ensino, nossos sujeitos assinalassem no máximo duas, as quais consideraram como indisciplina na universidade.

Dos respondentes, 29,2% acreditam que a principal manifestação de indisciplina percebida em sala de aula por parte dos acadêmicos é responder ao docente com grosserias. Na sequência aparece o esvaziamento da sala de aula pelos acadêmicos durante a explicação do conteúdo com 21,9%, seguido de conversas paralelas e discussão ou enfrentamento com o docente, com respectivamente 19,8% e 14,6%. Indiferença frente às atividades propostas e não cumprimento das tarefas aparece logo após com 8,3% e 6,2%.

Percebemos ao longo da pesquisa que pouco se tem discutido esta temática em nossa universidade, no entanto, existe um Código Disciplinar aprovado pelo COU – Conselho Universitário, através da Resolução n° 046/2008 – que prevê sanções disciplinares para todos aqueles cujos atos infringem o previsto pelo código.

Art. 1° Por regimento disciplinar entende-se o **conjunto de normas de conduta** que deve ser observado pelos servidores docentes, Agentes Universitários e discentes da UNIOESTE no exercício de suas atividades, bem como as **penalidades disciplinares aplicáveis em caso de descumprimento dessas normas**, visando assegurar a ordem, o respeito e a disciplina, para que os fins da instituição sejam plena e eficientemente alcançados.

Art. 3° Constitui infração disciplinar toda ação ou omissão dos servidores docentes, Agentes Universitários e discentes **capaz de prejudicar a disciplina**, a eficiência do trabalho e das atividades acadêmicas ou causar danos ao patrimônio moral e material da Universidade. (UNIOESTE, 2008, p. 1; 3 – grifo nosso)

Cabe ressaltar que, dentre os deveres apontados pelo Código Disciplinar merecem destaque: pontualidade, assiduidade, lealdade e respeito à Universidade, além da boa conduta, quesitos estes, apontados por parte significativa dos discentes entrevistados nesta pesquisa como aspectos não seguidos pelos acadêmicos considerados por eles como indisciplinados. Tais acadêmicos estão sujeitos, de acordo com o Art. 22 a advertência, repreensão, suspensão e até mesmo exclusão (UNIOESTE, 2008).

5 Considerações Finais

A princípio pareceu-me um tanto estranho estudar a temática da indisciplina do estudante da educação superior, uma vez que, ao menos legalmente, trata-se de adultos. No entanto, a indisciplina escolar tem-se constituído, nas últimas décadas, num dos grandes problemas enfrentados em todos os níveis e modalidades de ensino, independente da idade ou grau de formação do sujeito.

A partir do exposto pelos sujeitos participantes desta pesquisa, o que antes se restringia ao ensino fundamental e médio tem aparecido frequentemente na educação superior, interferindo significativamente no processo ensino aprendizagem.

Vários são os fatores que contribuem para sua manifestação neste nível de ensino. Ela pode ser causada pela falta de maturidade dos acadêmicos que tem ingressado cada vez mais cedo na Educação Superior, pela falta de identificação do sujeito com o curso, ou ainda, pela utilização de metodologias que não chamam a atenção dos acadêmicos. No mundo da tecnologia, muitas vezes o celular e o notebook, acabam se tornando mais atrativos e interessantes do que o docente explicando e escrevendo no quadro.

Após compreendermos como a indisciplina se manifesta na educação superior, nosso grande desafio é encontrar alternativas de enfrentamento frente a esta temática. Acreditamos que as ações devam pautar-se no diálogo, além de envolver todas as instâncias envolvidas no processo ensino aprendizagem: discentes, docentes e coordenação.

6 Referências

- [1] MAINKA, Peter Johann. As universidades européias no período pré-moderno (século XII-1800). *Educere Et Educere – Revista de Educação / Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Cascavel. Colegiado do Curso de Pedagogia. Programa de Mestrado em Educação – Área de Concentração: “Sociedade, Estado e Educação” – Vol. 4, No.7, 2009, pp.19-32.*
- [2] DAMKE, A. S.; GONÇALVES, J. P.; SILVA, L. M. Indisciplina na educação superior: análise das relações interpessoais. XIII Si Educa – Seminário Internacional de Educação, “Indisciplina e violência na escola: cenários e direções, 2008, Cachoeira do Sul. Anais do XIII Seminário Internacional de Educação. Cachoeira do Sul: ULBRA, 2008. v. 1. p. 1-7.
- [3] ALMEIDA, Leandro S, SOARES, Ana Paula. Estudante Universitário: Características e Experiências de Formação. Cap. Os Estudantes Universitários: Sucesso Escolar e Desenvolvimento Psicossocial. Cabral Editora e Livraria Universitária, Taubaté, 2003, p. 15-40.
- LA TAILLE, Yves de. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. Cap. A indisciplina e o sentimento de vergonha. Summus, São Paulo, 1996, p. 9-23.
- PACHANE, Graziela Giusti. Estudante Universitário: Características e Experiências de Formação. Cap. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. Cabral Editora e Livraria Universitária, Taubaté, 2003, p. 155-186.
- REGO, T. C. R. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. Cap. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. Summus, São Paulo, 1996, p.83-101.
- [5] BUENO, Francisco da Silveira. Minidicionário da Língua Portuguesa, FTD : LISA, São Paulo, 1996.

CHARLE, Christophe. História das universidades / Christophe Charle, Jacques Verger; tradução Elcio Fernandes, Editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1996;

PIMENTA, Selma Garrido. Docência no ensino superior / Selma Garrido Pimenta, Léa das Graças Camargos Anastasiou. Cortez, São Paulo, 2. ed, 2005.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. O que é universidade / Luiz Eduardo W. Wanderley. Brasiliense, São Paulo, 1999.

ZABALZA, Miguel A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas / Miguel A. Zabalza, Artmed, Porto Alegre, 2004.

[7] PACHANE, Graziela Giusti. A universidade vivida: a experiência universitária / Graziela Giusti Pachane. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação – Campinas, SP: [s.n], 1998.

TORRES, Renato. A estética da indisciplina na educação superior. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

[10] UNIOESTE, Resolução n° 046/2008 – COU / Código Disciplinar, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/servicos/arqvirtual/arquivos/0462008-COU.pdf>, junho 2011, 25.